

O CORPO FALANTE

Sobre o inconsciente no século XXI

25 a 28 de abril de 2016 • Hotel Sofitel - Copacabana, Rio de Janeiro

O resto do falasser é o corpo que tem – Leitura do Seminário XXIII

Apresentação da quinta aula do curso

“Falar a língua do corpo”, de Éric Laurent

Marcelo Veras

Nesta aula cinco Éric Laurent retoma inicialmente alguns pontos da aula anterior. Ele parte do Escabelo inicialmente como *sinthoma*, que é estofo do *falasser*, para em seguida separá-los através do registro de gozo que lhes é próprio. Assim, enquanto o escabelo é o *falasser* em sua fase de gozo da fala, o *sinthoma* é o gozo que exclui o sentido. Falar com o corpo-escabelo é passar pelo desfiladeiro das palavras sustentando-se na dimensão do sentido. O sentido, nesse caso, tal como é definido no último Lacan, gozo da fala. E falar com o corpo escabelo é falar com um gozo que se experimenta no corpo.

Em seguida Laurent dedica toda a aula cinco à análise da última lição do Seminário XXIII, A escrita do Ego. Seus comentários apontam para o modo como Lacan nesse capítulo define o corpo como produto de uma operação de impacto do dizer. Retomando a conferência de Miller para o X Congresso, o corpo de que se trata, o ser de que se trata, não precede a palavra, é ao contrário a palavra que dá o ser ao animal como efeito de *après coups*. Trata-

se, contudo, de um nível em que não há “Eu”, definido por Lacan como sendo anterior ao estado do espelho.

Laurent se detém principalmente no final da lição X para analisar a distinção entre o sujeito do inconsciente e o corpo como um móvel para o homem. O corpo que dança (por isso móvel), e que é uma condensação - ou “*condanção*” - em oposição ao deslocamento.

Em seguida ele passa a analisar a relação entre o real e o nó, o que o leva a distinguir o real e o mundo. Aqui Lacan se apoia na constatação de que para Freud há uma etapa do narcisismo primário que se caracteriza precisamente por abolir a relação entre interior e exterior¹.

Outro ponto fundamental dessa lição é a tomada da escrita não como uma transcrição, mas como escrita de um erro do nó, de uma falta. É graças a essa falta que inconsciente e real se ligam. No caso Joyce, este a seu modo fala com seu corpo, pois para ele o inconsciente é real.

Laurent comenta que a escrita define um regime particular nessa última lição. Trata-se da disjunção entre escrita e representação. Esta pode ser um apoio ao pensamento mas não se confunde com ele. A escrita então é o que não se pensa. Não conseguimos representar com o que vamos escrever, escrevemos inicialmente e pensamos em seguida.

O que dá suporte ao pensamento é definido como esta ordem de escrita inédita, um modo precedente de escrita. Isso muda completamente o sentido da escrita, lhe dá uma autonomia. Para Lacan a escrita não é impressão, pois mesmo que ela escreva algo, o mais importante é que ela contorna um buraco, um vazio. Ele diz igualmente que a escrita não é um instrumento, uma ferramenta à serviço da transcrição da fala. A escrita passa sempre ao lado. O mais importante é que a escrita traz o que não foi dito. O que está entre as linhas. O entre linhas é o primeiro modo como a escrita pode cernir um buraco.

A escrita das três consistências, o nó RSI, permite à Lacan dar no Seminário XXIII um passo a mais, já que apesar de ainda conservar a teoria do significante, ele separa na escrita o que se modula na voz - a palavra fônica - e o que se escreve colado ao significante. Daí a importância desta escrita como suporte sobre o qual pensamos. O pensamento é do lado da representação, da imagem, enquanto a escrita denota aquilo que não tem representação, mas que vai se colar ao significante.

É preciso, em um primeiro tempo, que a escrita seja radicalmente separada de uma perspectiva de transcrição para que possamos em seguida colar todos os significantes que queiramos, tal como as roupas que depositamos em um cabideiro. Quando a escrita está separada da dimensão do significante e do discurso ela começa a ter sua vida própria (autônoma). Ela se separa daquilo que seria a verdade, ela deixa de servir como escrita da verdade. A nova escrita é do lado da letra e do gozo, sobre ela vão se colar todos os circuitos significantes em sua contingência fundamental.

A escrita do nó é o que Lacan chama de metaforização. Joyce metaforiza sua relação com o corpo. Mas o paradoxo é que a metáfora, que do lado significante fazia um *plus* de sentido, aqui faz surgir um novo objeto, mas na perda, produto de uma perda. E Lacan sublinha que em Joyce antes dessa metaforização do corpo não havia saber sobre o que se passava no corpo. O saber não é do corpo e sim do inconsciente. O corpo é lugar do trauma e não do saber, somente o sujeito histórico tem o corpo feito de evidências, dando um sentido ao inconsciente.

¹ Lacan, J, Séminaire XXIII, Le Sinthome, p. 154.